

O ensino de filosofia no ensino médio: Reflexões sobre a linguagem acadêmica e a linguagem do público de voga

Ismael Braz de Sousa Silva

Universidade Federal de Uberlândia – Minas Gerais

RESUMO

Este artigo propõe uma reflexão sobre o ensino de filosofia no ensino médio, considerando os desafios impostos pela linguagem acadêmica e a necessidade de adaptação à linguagem do público contemporâneo, especialmente em um contexto marcado pela disseminação das tecnologias digitais. Partindo de uma análise das demandas atuais e das ferramentas disponíveis, busca-se explorar estratégias para tornar a filosofia mais acessível e relevante para os estudantes, promovendo uma maior integração entre os saberes acadêmicos e a cultura de voga.

Palavras-chave: Filosofia, Ensino Médio, Linguagem, Saberes acadêmicos.

1 INTRODUÇÃO

O ensino de filosofia no ensino médio enfrenta hoje o desafio de conciliar a profundidade dos conceitos filosóficos com a linguagem acessível e atrativa para os estudantes, em um contexto marcado pela predominância da cultura de voga e pela influência das tecnologias digitais. Nesse sentido, é fundamental repensar as estratégias pedagógicas e explorar as potencialidades das ferramentas tecnológicas disponíveis para promover uma abordagem mais dinâmica e significativa da filosofia no contexto escolar.

O ensino de Filosofia no Ensino Médio no Brasil é uma trajetória marcada por desafios, conquistas e transformações. A inserção da disciplina no currículo escolar brasileiro remonta ao final do século XIX, com a promulgação da Lei nº 1.331, de 1890, que estabelecia o ensino secundário no país. Contudo, foi apenas na década de 1930, com a reforma Francisco Campos, que a filosofia adquiriu um espaço mais consolidado no currículo, com a instituição de disciplinas como "Introdução à Filosofia" e "História da Filosofia".

Durante o regime militar (1964-1985), o ensino de filosofia enfrentou severas restrições e censuras, devido ao caráter crítico e reflexivo da disciplina, que era visto como uma ameaça ao regime. A disciplina foi quase que completamente excluída do currículo escolar, sendo substituída por disciplinas como "Educação Moral e Cívica" e "Organização Social e Política Brasileira", que tinham um caráter mais ideológico e alinhado aos interesses do governo.

Com a redemocratização do país na década de 1980, o ensino de filosofia passou por um processo de reestruturação e retomada. A Constituição Federal de 1988, em seu artigo 210, determinou a obrigatoriedade do ensino de filosofia e sociologia no Ensino Médio, como forma de promover o



desenvolvimento integral do educando e o exercício da cidadania. No entanto, a implementação efetiva da filosofia no currículo escolar ainda enfrentou obstáculos, como a falta de formação adequada dos professores e a ausência de materiais didáticos específicos.

Na virada do século XXI, observa-se um movimento de valorização e fortalecimento do ensino de filosofia no Ensino Médio, com a criação de políticas públicas e programas de formação continuada para professores, além da produção de materiais didáticos e recursos pedagógicos específicos. A filosofia é reconhecida como uma disciplina fundamental para o desenvolvimento do pensamento crítico, da reflexão ética e da formação cidadã dos estudantes.

O ensino de filosofia no Ensino Médio no Brasil é uma área em constante evolução e transformação, outras vezes de retrocesso, que, frequentemente, reflete as mudanças políticas, sociais e educacionais do país ao longo da história. Apesar dos desafios enfrentados, a filosofia mantém sua relevância e importância na formação dos estudantes brasileiros, contribuindo para a construção de uma sociedade mais democrática, crítica e consciente de seus direitos e deveres.

Nesse breve histórico colocado aqui, teremos como ponto de partida, se não o principal problema do ensino de Filosofia no Ensino Médio, pelo menos o mais evidente, embora haja muitos outros problemas a serem considerados, comecemos então pela linguagem. Importante salientar que a simbiose entre a linguagem, literatura e contextualização e a Filosofia manifesta-se em seus discursos e, portanto, didática, em uma junção de ideias e reflexões. Por meio da arte da palavra escrita e discursiva, a literatura põe universos simbólicos, para além das camadas de significado, que alimentam a filosofia em sua busca incessante pela compreensão da existência humana e do mundo que a circunda.

A literatura, em sua natureza poética e imaginativa, emerge como um manancial riquíssimo de narrativas que exploram as profundezas da experiência humana. Ela aborda as complexidades da condição humana, sondando questionamentos existenciais e dilemas morais. Mediante metáforas, alegorias e personagens arquetípicos, a literatura propicia um mergulho profundo nas entranhas da subjetividade, engendrando uma ampliação de perspectivas e uma conexão visceral com os meandros da existência.

Por sua vez, a filosofia, sustentada pela razão e pela análise crítica, busca decifrar os enigmas do mundo através de uma disciplina intelectual rigorosa. Ela se vale do pensamento conceitual para questionar, problematizar e refletir sobre a realidade. A filosofia desafia dogmas estabelecidos, instiga debates e incita a busca incessante pela verdade e pela sabedoria. É nesse contexto que a literatura se torna uma fonte inesgotável de estímulos filosóficos, fornecendo material empírico para a análise e a investigação filosófica.

A dificuldade na interpretação e compreensão de textos pode se apresentar como um desafio



formidável no âmbito do ensino da filosofia. A filosofia, por sua natureza abstrata e densa, exige uma leitura atenta e uma análise minuciosa dos textos filosóficos. Essa tarefa torna-se ainda mais árdua quando os estudantes não possuem um domínio sólido das habilidades de leitura e interpretação, bem como de uma base literária que lhes permita transitar com desenvoltura pelos meandros da escrita filosófica.

A dificuldade na interpretação de textos compromete a compreensão da filosofia em diversas frentes. Primeiramente, ela obstrui a apreensão dos conceitos e argumentos filosóficos, impedindo a absorção das ideias centrais dos pensadores. Além disso, a dificuldade na interpretação dificulta a identificação das nuances e sutilezas presentes nos textos filosóficos, muitas vezes repletos de metáforas, analogias e figuras de linguagem que demandam uma apreciação sensível e atenta. Desse modo, essa dificuldade também afeta a capacidade de análise crítica e reflexão, habilidades essenciais para o estudo e a prática da filosofia. Para mitigar esse problema, é fundamental investir no aprimoramento das habilidades de leitura e interpretação textual dos estudantes, fornecendo-lhes ferramentas adequadas.

É necessário salientar também a importância da formação do professor, por sua realidade local, onde possivelmente aconteça que professores, sem a habilitação na área, assumam o conteúdo por falta de professores habilitados, um problema real no Brasil todo, com mais ou menos intensidade a depender da região. Isso sem pontuar a remuneração, o que é também trágico. De modo que há claramente outros fatores preponderantes que impossibilitam em grande medida o aprendizado da filosofia e aqui vemos, ao nosso prisma, elementos basilares para uma outras possibilidades, tais como; os conceitos, a linguagem e as abstrações, isso passa inevitavelmente pela leitura, interpretação da leitura, a compreensão da leitura e claro, a contextualização disso tudo.

Pensando que, em alguns momentos da vida estudantil o aluno escuta o que muitas vezes não falamos, isso pressupõe as lacunas delimitadas anteriormente como os elementos basilares para uma boa compreensão do que se fala, do que se ouve, do que se compreende e do que se infere. Quase uma atividade espiritual, a competência de se fazer entendido transcende em demasia a intenção da palavra por ela mesma, daria a palavra conta da vida? Nesse processo é fundamental sempre as destruições e criações, pois não dando conta da vida, as palavras, quase sempre frágeis, seus signos vão, facilmente, se distanciando até não mais fazer sentido em voga já na semana seguinte. Então como sugere Nietzsche (1882):

“Somente enquanto criadores podemos destruir! (...) criar novos nomes, avaliações e possibilidades para, a longo prazo, criar novas coisas.” (Nietzsche, em *A Gaia Ciência*, aforismo 58)



2 OBJETIVO

A filosofia, enquanto disciplina que envolve a leitura e interpretação de textos, algumas vezes complexos em demasia, nos remete a uma reflexão imediata, porém não imediatista. Se os alunos não possuem habilidades sólidas em leitura, podem ter dificuldade em compreender os conceitos e argumentos apresentados nos textos filosóficos. A falta de compreensão adequada pode levar a interpretações equivocadas e a uma compreensão superficial da filosofia. A filosofia exige que os alunos sejam capazes de articular suas ideias de forma clara e coerente por meio da escrita e da fala. De modo que, se os alunos têm dificuldades na língua portuguesa, podem enfrentar obstáculos ao expressar suas ideias filosóficas de maneira precisa e coesa. Isso pode limitar sua capacidade de participar efetivamente em discussões filosóficas e de desenvolver argumentos convincentes.

A filosofia envolve o pensamento crítico e a construção de argumentos bem fundamentados. Para desenvolver essas habilidades, os alunos precisam ser capazes de ler, analisar e avaliar argumentos filosóficos de maneira precisa. O domínio do idioma português e também da disciplina escolar de Português é fundamental para realizar uma análise crítica aprofundada e para construir argumentos lógicos.

O estudo da filosofia envolve a compreensão e a apreciação da tradição filosófica ao longo da história. Isso implica na leitura e interpretação de textos filosóficos clássicos escritos em português, como as obras de filósofos lusófonos (por exemplo, Camões, Pessoa, Machado de Assis). Um mau desempenho em Português pode limitar a capacidade dos alunos de se engajarem plenamente com esses textos e de apreciar a riqueza da tradição filosófica na língua portuguesa. Assim, o domínio do idioma e da disciplina de Português, sobretudo a reafirmação da literatura de uma forma agressiva e assertiva lá no Ensino Fundamental, seria essencial para o estudo efetivo da filosofia no Ensino Médio, pois afeta a compreensão dos textos, a expressão clara de ideias, a análise crítica e argumentação, bem como a apreciação da tradição filosófica. Portanto, o mau desempenho, que reiteradamente se consolida como um fracasso nacional à décadas, pode dificultar o processo de aprendizagem e o desenvolvimento de habilidades filosóficas essenciais.

3 METODOLOGIA

3.1 A LINGUAGEM ACADÊMICA E O DESAFIO DA ACESSIBILIDADE:

A linguagem filosófica tradicionalmente empregada nos ambientes acadêmicos nem sempre é acessível para os estudantes do ensino médio, o que pode gerar distanciamento e desinteresse.

É necessário repensar a forma como os conceitos filosóficos são apresentados, buscando uma linguagem mais clara e próxima da vivência dos alunos.



Ludwig Wittgenstein (1889-1951) sem dúvida, foi um dos filósofos influentes do século XX e porque não dizer o principal responsável pela, assim identificada, virada linguística da filosofia, movimento este que colocou a linguagem no centro da reflexão filosófica, deixando de figurar apenas como um meio para nomear as coisas ou transmitir pensamentos.

As coisas, por si só, não têm sentido, pois elas ganham significado quando relacionadas com outras coisas. Da mesma forma como não conseguimos pensar em algo fora do espaço e do tempo,

"também não podemos pensar em nenhum objeto fora da possibilidade de sua ligação com outros" (Tractatus, 2.0121).

3.2 A LINGUAGEM DO PÚBLICO DE VOGA E AS TECNOLOGIAS DIGITAIS:

A cultura de voga, marcada pela rapidez e fluidez da comunicação digital, influencia diretamente a forma como os jovens compreendem e interagem com o mundo ao seu redor.

As tecnologias digitais, como redes sociais, plataformas de vídeo e aplicativos interativos, oferecem novas possibilidades para a disseminação do conhecimento filosófico de maneira mais acessível e engajadora.

A linguagem do público de voga, termo que aqui entendemos como uma linguagem contemporânea caracterizada pela fluidez, rapidez e informalidade, está intrinsecamente ligada ao contexto das tecnologias digitais. Vivemos em uma era em que a comunicação é amplamente mediada por dispositivos eletrônicos, como smartphones, tablets e computadores, e plataformas online, como redes sociais, aplicativos de mensagens instantâneas e sites de compartilhamento de conteúdo. Essa realidade digital molda não apenas a forma como nos comunicamos, mas também a maneira como pensamos, aprendemos e nos relacionamos com o conhecimento. Nesse sentido, a linguagem do público de voga reflete não apenas uma transformação linguística, mas também uma mudança cultural e comportamental, influenciada pela dinâmica da internet e das redes sociais.

As tecnologias digitais desempenham um papel fundamental na disseminação e na consolidação dessa linguagem do público de voga. Por meio de plataformas como Twitter, Instagram, TikTok e WhatsApp, os usuários têm a oportunidade de compartilhar ideias, opiniões e experiências de forma instantânea e global, utilizando recursos como emojis, gírias, memes e vídeos curtos. No contexto escolar, as tecnologias digitais têm sido cada vez mais incorporadas ao processo de ensino-aprendizagem, até quem sabe, de forma simbiótica para além do mundo ideal, proporcionando novas oportunidades para a prática pedagógica e a construção do conhecimento. Ferramentas como jogos educativos, simulações, realidade virtual e ambientes virtuais de aprendizagem permitem que os estudantes explorem conceitos complexos de forma interativa e imersiva, contribuindo para uma aprendizagem mais significativa e engajadora.



3.3 ESTRATÉGIAS PARA A INTEGRAÇÃO DA FILOSOFIA E DA CULTURA DE VOGA:

Utilização de vídeos, podcasts e outros recursos audiovisuais para apresentar os conteúdos filosóficos de forma mais dinâmica e atrativa.

Integração das redes sociais e plataformas digitais no processo de ensino-aprendizagem, promovendo debates e reflexões sobre temas filosóficos relevantes para os jovens.

Estímulo à produção de conteúdo pelos próprios alunos, utilizando linguagens e formatos que dialoguem com suas experiências e interesses.

A linguagem do público de voga e as tecnologias digitais estão intrinsecamente interligadas, influenciando e sendo influenciadas mutuamente. Nesse contexto, é fundamental que o ensino de filosofia no ensino médio leve em consideração não apenas a linguagem acadêmica, mas também a linguagem do público contemporâneo, buscando estabelecer uma ponte entre o conhecimento filosófico e as experiências e práticas culturais dos estudantes na era digital.

4 DESENVOLVIMENTO

De acordo com o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA) de 2018, o desempenho dos alunos brasileiros em leitura ficou aquém do desejado. O PISA é uma avaliação realizada pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) que mensura o desempenho dos alunos de 15 anos em leitura, matemática e ciências.

No PISA 2018, o Brasil obteve uma pontuação média de 413 pontos em leitura, o que está abaixo da média da OCDE, que foi de 487 pontos. Essa pontuação colocou o Brasil na 57ª posição entre os 77 países participantes. A diferença entre a pontuação média do Brasil e a média da OCDE foi de aproximadamente 74 pontos.

A porcentagem de alunos brasileiros que atingiram os níveis mais altos de proficiência em leitura foi relativamente baixa. Apenas 1,8% dos alunos brasileiros alcançaram os níveis de proficiência 5 e 6, considerados avançados, enquanto a média da OCDE foi de 9,4%.

Esses resultados indicam que há desafios significativos a serem enfrentados no sistema educacional brasileiro em relação à leitura. São necessários esforços contínuos para melhorar a proficiência em leitura dos alunos, a compreensão de textos complexos e a capacidade de análise crítica. O desenvolvimento das habilidades de leitura é fundamental não apenas para a disciplina de filosofia, como mencionado anteriormente, mas também para o sucesso acadêmico geral e para a participação plena na sociedade.

Ao contemplar os dados vemos imagens factuais cobertas por um período anterior a pandemia de COVID 19 que assolaria o mundo até os dias em voga, portanto estamos na expectativa da iminência



de um outro relatório para dezembro de 2023 onde, sem sombra de dúvidas, veremos algo, se não mais trágico, na melhor das condições a repetição do que está aí.

Ao refletirmos sobre a linguagem, tema principal abordado neste trabalho esbarramos inevitavelmente sobre a localidade, a cultura, a história, a moral, a ética e a política da mesma, sendo assim, a visita amiúde no pensamento nietzschiano, célebre autor do século XIX que dedicou sua obra para a derrubada de ídolos que procuravam deixar a vida e o devir tácitos e sem nenhuma criatividade, uma delas que tentaremos aqui é a verdade, uma verdade explicada apenas em conceitos infrutíferos ditos em palavras vazias e sem vida, veremos um Brasil marcado pela cultura Judaica-cristã, cultura essa que Nietzsche criticava em seu tempo e essa crítica, pertinente também ao cristianismo em voga.

Nietzsche tinha uma visão peculiar sobre a linguagem, que se reflete em grande parte em sua obra "Além do Bem e do Mal" (1886). Para ele, a linguagem não é simplesmente um meio de comunicação entre os seres humanos, mas é essencial para a construção da realidade em que vivemos enquanto destruidores e criadores da mesma. Nietzsche argumenta que a linguagem molda nossos pensamentos, sentimentos e percepções de tal forma que somos incapazes de separar a realidade objetiva do que é subjetivo e construído por meio da linguagem. Nietzsche via a linguagem como algo dinâmico e em constante evolução. Ele acreditava que a linguagem não era uma ferramenta para expressar ideias, mas também uma força destrutiva para a derrubada de ídolos em condições tácitas como verdades superiores que nos subordinam e uma força criativa que poderia gerar novos conceitos no devir. Ele enfatizou a importância de criar novas palavras e de subverter o significado das palavras existentes para expandir a compreensão e o conhecimento.

Assim, Nietzsche também abordou a questão da verdade na linguagem. Para ele, a verdade não é algo que possa ser alcançado através da linguagem em si mesma enquanto palavras e conceitos frios e sem vida, pois a linguagem, pensando desse modo, sempre reflete uma perspectiva ou ponto de vista, o que para ele seria muito perigoso. Em vez disso, Nietzsche argumentava que a verdade era uma questão de perspectiva e que o objetivo deveria ser ampliar e enriquecer nossa compreensão do mundo, mas desse mundo e não outro idealizado, metafísico, fora de nós.

O Brasil, um país de muitos problemas sociais, políticos, econômicos e sobretudo o que abordaremos aqui, a saber, a educação. Problemas esses que nos parecem insolucionáveis, talvez por sua cultura do porvir esperando sempre dias melhores que não chegam, no caso da educação de nossas crianças, adolescentes e jovens não são imunes a esse descaso.

Um país de verdades absolutas, de conceitos frios desprovidos de vida, todos os dias aparece um conceito novo e sem criatividade tentando explicar a vida e inevitavelmente as matrizes curriculares abarcam esses ídolos como o “salvador” vigente, porém o plano de salvação sempre é e será frustrado



pela falta de vida. PPP sem vida, Avaliação sem vida, Currículo sem vida, Saberes sem via, Docência sem vida e em meio a tanto sepulcros caiados uma possibilidade imanente nas palavras de Nietzsche (1882):

"(...) temos de continuamente parir nossos pensamentos em meio a nossa dor, dando-lhes maternalmente todo o sangue, coração, fogo, prazer, paixão, tormento, consciência, destino e fatalidade que há em nós. Viver - isto significa, para nós, transformar continuamente em luz e flama tudo o que somos, e também tudo o que nos atinge; não podemos agir de outro modo." (Friedrich Nietzsche, em 'A Gaia Ciência', Prólogo)

Não nos parece de bom tom, uma linguagem desprovida de vida, o que pode não ter sua eficácia comprovada no mundo da vida. Como falar de Direitos Humanos quando a urgência é dor no estômago, de fome mesmo? Como os gritos identitários suplicantes por ressignificação se quem continua sendo preso e morto nas favelas são os jovens negros? E as representações ideológicas, portanto não desse mundo, dessa vida que na sua condição de nascidos mortos, nos aparecem como imagens oportunistas de 513 parlamentares históricos, infantis e diabolicamente maus em Brasília/DF? A esperança nesses casos e em muitos outros nos parece casta.

Se a pretensão é de se comunicar na educação com os entes que nela estão, o célebre autor sugere que todos se encham de vida, vida experimentada nos gostos, nos cheiros, no arrepio, no desejo, na frustração, na queda, no levante, tudo que se fala fale sentindo, vivendo, participando, sendo começo, meio, fim, retorno. Quando Nietzsche (1882) afirma a necessidade de uma transvaloração dos valores, refere-se à possibilidade de desconstrução desta estrutura. Repensar a linguagem, avaliar a relação que a cultura estabeleceu com os códigos de comunicação, bem como as leis e os princípios que determinou para os enunciados, é uma das condições para que nossa comunicação comece a fazer algum sentido. Os porquês da vida mudaram muito no século XXI e as representações vazias não cabiam outrora quiçá agora. Olhando de perto essas questões e coisas que ainda nos preocupamos em pleno século XXI, tais como: Saneamento básico, Analfabetismo, um dos piores salários pagos a professores. É importante lembrar que abordamos inicialmente o PISA nesse trabalho e agora, após a pandemia de COVID19, não temos, como previsto, não que há profetas aqui, é que não se pode esperar resultados diferentes tendo a mesma prática por décadas, uma melhora considerável no quadro.

As médias brasileiras de 2022 foram praticamente as mesmas de 2018 em matemática, leitura e ciências. Desde 2009, os resultados são estáveis nas três disciplinas, com pequenas flutuações que, na sua maioria, não são significativas. Apesar da média da OCDE nessa edição do estudo ser a menor de toda a série histórica (desde 2000), os estudantes do Brasil obtiveram pontuação inferior a ela nas três disciplinas.



Matemática – Em 2022, o desempenho médio brasileiro foi de 379 pontos em matemática. A pontuação é inferior à média do Chile (412), Uruguai (409) e Peru (391), ao passo que não há diferença estatisticamente significativa entre a média do Brasil, da Colômbia (383) e da Argentina (379).

Dos estudantes brasileiros, 73% registraram baixo desempenho nessa disciplina (abaixo do nível 2). Esse nível é considerado pela OCDE o padrão mínimo para que os jovens possam exercer plenamente sua cidadania. Entre os países-membros da OCDE, o percentual dos que não atingiram o nível 2 foi de 31%. Apenas 1% dos brasileiros atingiram alto desempenho em matemática (nível 5 ou superior).

Leitura – O desempenho médio brasileiro foi de 410 pontos em leitura. A pontuação é estatisticamente inferior à média do Chile (448) e Uruguai (430), mas superior à da Argentina (401). Não há diferença estatisticamente significativa entre a média do Brasil, da Colômbia (409) e do Peru (408).

Dos estudantes brasileiros, 50% tiveram baixo desempenho nessa disciplina (abaixo do nível 2). Entre os países-membros da OCDE, o percentual dos que não atingiram esse nível foi de 26%. Apenas 2% dos brasileiros atingiram alto desempenho em leitura (nível 5 ou superior), enquanto, nos países da OCDE, a concentração foi de 7%.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De posse dessas informações, vemos um grande caminho pela frente, precisamos avançar muito nos números apresentados. Salientamos ainda que sem a posse de elementos basilares como leitura e raciocínio lógico matemático, não só a filosofia, mas todos os componentes curriculares do Ensino Médio brasileiro sofre influências negativas em demasia.

O ensino de filosofia no ensino médio enfrenta o desafio de se adaptar às demandas e linguagens do público contemporâneo, sem perder de vista a profundidade e complexidade dos temas filosóficos. Nesse sentido, a integração das tecnologias digitais e a busca por uma linguagem mais acessível e engajadora se apresentam como caminhos promissores para tornar a filosofia uma disciplina relevante e significativa para os estudantes, contribuindo para a formação de cidadãos críticos e reflexivos na era digital.



REFERÊNCIAS

- NIETZSCHE, Friedrich. A Gaia Ciência. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- NIETZSCHE, Friedrich. Humano demasiado humano: um livro para espíritos livres. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- NIETZSCHE, Friedrich. Genealogia da moral. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- MARTON, Scarlett. Nietzsche: a Transvaloração dos valores. São Paulo: Moderna, 1993. (Coleção logos).
- FOUCAULT, M. (1966). Les mots et les choses: Une archéologie des sciences humaines. Paris: Gallimard. (Título em português: "As palavras e as coisas: Uma arqueologia das ciências humanas.")
- RODRIGO, Lídia Maria. Filosofia em sala de aula: teoria e prática para o ensino médio. Campinas, SP: Autores Associados, 2009. - (Coleção formação de professores)
- NIETZSCHE, Friedrich, 1844-1900. Nietzsche: Obras escolhidas / Friedrich Nietzsche; tradução Renato Zwick, Marcelo Backes. - Porto Alegre, RS: L&PM, 2017. 488 p.; 21 cm.
- FILATRO, A.C. As teorias pedagógicas fundamentais em EAD. In: LITTO, F. M.; FORMIGA, M. (orgs). Educação a distância: o estado da arte. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009. p. 96-104.
- FILATRO, A.C. Design instrucional contextualizado. Educação e tecnologia. São Paulo: SENAC, 2004. (Google Books).
- FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática. SP, Paz e Terra, 1996.
- LIBÂNEO, José Carlos. Desenvolvimento histórico da didática. In: Didática. São Paulo: Cortez, 1992. pp.57-64.
- WITTGENSTEIN, L. Tractatus Logico-Philosophicus. tradução, apresentação e estudo introdutório de Luiz Henrique Lopes dos Santos; [Introdução de Bertrand Russell]. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.